

Capítulo I

Sir Ranulf Fitzhenry Cross, membro da nobreza, doutor em medicina e cirurgião de renome, baixou a cabeça com determinação. Estava suando profusamente, uma condição que ele abominava. Seu belo rosto estava contraído, tamanha a concentração. Os músculos das pernas e braços doíam pela tensão imposta. Ele sabia que não conseguiria se segurar por muito tempo mais. Sentia-se tenso como uma única corda de um violino, quando todas as outras já se tinham rompido. Nunca havia se sentido tão impotente, dolorido, entregue e desesperado...

A mulher gemeu ao sentir as mãos grandes de Ranulf segurando suas nádegas, impulsionando-a a prender as pernas em volta da cintura dele. Ela começou a se mover rápido, usando as unhas como pequenas adagas para se apoiar nos ombros largos e galgar até o ápice do prazer.

Ranulf inclinou a cabeça para trás, exibindo as veias do pescoço dilatadas. O corpo másculo estava inteiro contraído, rendido à intensidade do êxtase. No desespero, entregou-se a uma busca desenfreada por ar, os olhos estáticos, vidrados em um caleidoscópio imaginário de cores que absorviam todos os seus sentidos, transformando-os em puro leite. Nem sequer estava consciente da mulher presa a ele, que também hipnotizada pela preciosidade do momento, empenhava-se em sugar-lhe as últimas gotas de vida. Ah, Deus, e ela quase conseguiu.

Com a cabeça imersa entre os seios volumosos e com um grito vindo das profundezas da alma, Ranulf arremeteu-se para dentro do corpo feminino em um ritmo frenético, até não ouvir mais gemidos e senti-la relaxar em seus braços. Foi então que, com imensa gratidão, soltou-se das pernas que o prendiam e deslizou na investida final para também desfrutar o merecido clímax.

— Ah, isso foi perfeito — disse ela, espreguiçando-se sob os lençóis conforme a brisa lhe acariciava o corpo. — Podemos repetir daqui a alguns minutos? E permitirá então que Bessy mostre um truque que irá mantê-lo animado?

— Minha querida garota — Ranulf piscou, expulsando uma gota de suor da pálpebra —, acho que mesmo que eu tivesse mais algumas horas, eu não conseguiria repetir isso.

— Ah, mas você foi ótimo mesmo assim, por isso fiquei com ideias! — Bessy riu e se abanou. — Pode escrever o que digo, logo estará me chamando de volta.

Ranulf gemeu e deitou-se de bruços.

— Eu desejo você, rameira, mas lamento informar que sou humano. Eu disse

a Emmeline que precisava de alguns momentos de diversão, mas não um teste de resistência. Você deixou apenas a casca do que eu costumava ser.

Bessy gargalhou, balançando os seios como se fossem dois melões maduros. Ranulf estendeu a mão, alcançando um deles, acariciando até o mamilo se enrijecer entre os dedos. Suas mãos eram grandes, mas mesmo assim não faziam justiça àquelas criações magníficas. Ele não fazia ideia de onde Emmeline tinha encontrado aquela meretriz, mas pagaria o que fosse necessário para quem a agenciava a fim de garantir que estivesse sempre à sua disposição.

Bessy arrepiou-se com os carinhos e virou-se de lado, de maneira que seus seios se distanciassem apenas alguns centímetros do rosto de Ranulf.

— Droga — resmungou ele.

Por entre risinhos, Bessy deslizou a mão por baixo do corpo másculo até encontrar o que procurava. Viu-o fechar os olhos e respirar fundo.

— Droga — sussurrou Ranulf de novo, afastando o braço dela. — Lamento, mas preciso mesmo ir embora.

— Promete voltar um dia com menos pressa?

— Outro dia... — Ranulf meneou a cabeça, levantando-se da cama.

Ela continuou deitada, observando-o andar pelo quarto com seus olhos grandes. Ranulf pegou o paletó, tirou uma moeda de ouro do bolso e jogou-a habilmente para cima, de modo que fosse cair diretamente sobre o ventre de Bessy, que riu de alegria ao pegar o presente.

— Nossa, eu nunca tive algo tão valioso nas mãos.

— Bem, garota, guarde bem o que você tem entre as pernas só para mim e verá muitas outras iguais a essa.

— Está certo, mas a srta. Emmeline... — Bessy sentou-se na cama.

— Deixe que eu cuide da srta. Emmeline. Ela sabe que sou um dos melhores clientes e que se eu deixar de vir aqui ela pode fazer as malas e deixar Portsmouth — interrompeu ele, com o olhar preso ao corpo lânguido e de pele alva estirado na cama. — Droga — murmurou de novo e balançou a cabeça antes de começar a se vestir.

Ranulf era muito cuidadoso ao se vestir, parando a cada peça para se observar no espelho à procura de possíveis vincos, linhas ou fiapos. A calça marrom caía com perfeição e elegância sobre as pernas longilíneas. A camisa era tão clara quanto a echarpe, o suéter cor de vinho e o casaco da cor do chocolate.

Bessy reparou em cada músculo coberto pela roupa, colocada por dedos habilidosos e rápidos. Suspirou, feliz com a certeza de ser uma garota de sorte. Ranulf era um homem rico, com fraquezas que ela sabia dominar muito bem, para o deleite de ambos.

Em um impulso, ela pulou da cama e, pegando duas escovas de prata, ficou na frente dele. Ranulf pegou uma das escovas e penteou o cabelo, afastando-se

do espelho para admirar o resultado.

— Você está muito bem — elogiou Bessy, ruborizando, tanto quanto ele.

O rosto de Ranulf era lindo, com traços fortes, nariz aquilino e maxilar quadrado. Os olhos castanho-claros contrastavam com os cabelos pretos.

Bessy se aproximou, tocando-lhe o braço com um gesto tímido.

— Você acha que vai voltar aqui logo?

Ranulf baixou o lábio superior e penteou o bigode. Com o canto dos olhos, relanceou para o corpo nu a seu lado, sorrindo ao notar as suaves marcas de dentes nos seios.

— Prometo que vou voltar, mas não sei dizer quando, talvez amanhã. De qualquer maneira, não se esqueça do que pedi. Não a quero na cama com outro.

— Fique tranquilo, não verei ninguém mais. Se alguém chegar perto de mim e tentar alguma coisa, eu grito e o arranho inteiro. Se isso não bastar, atiro com a arma que a srta. Emmeline colocou em todos os quartos.

— Tenho certeza de que não será necessário. — Ranulf riu e colocou o chapéu. — Agora, corra e chame a srta. Emmeline para mim.

— Sim, senhor — disse ela, deixando o quarto e Ranulf com a imagem de um corpo nu na mente, claro como a neve e com cabelos vermelhos.

Ao olhar o relógio de bolso, blasfemou com o tardar da hora. Três e vinte, já! O chá seria às quatro horas. Se saísse naquele instante, ainda chegaria a tempo no Courtney Park... Droga, ainda precisava parar em Mews para pegar lorde e lady Berenger-Whyte. Isso o atrasaria uma meia hora. Aquela rameira o tinha segurado por duas deliciosas horas!

Pela terceira vez, arrumou o colarinho, olhando para a porta e sentindo o perfume sutil de mel e amêndoas.

— Bem, Randy. Desta vez reservei a melhor das minhas meninas para você. — Emmeline era a proprietária do estabelecimento e de uma beleza sem idade, com corpo e rosto iguais aos de uma boneca de porcelana. Dona de uma voz suave, era culta o suficiente para manter o bordel mais exclusivo de Portsmouth. — A garota é um pouco rústica, mas muitos clientes apreciam essa característica.

— É essa a razão de eu tê-la procurado. Desculpe-me pela pressa, mas tenho um compromisso. Quanto quer por um contrato de exclusividade?

— Quer ser o único homem de Bessy Toone? — Emmeline arqueou uma sobrancelha. — Ela tem recebido muitas solicitações desde que chegou.

— Quanto?

Os olhos de Emmeline brilharam como os de um tubarão diante de sangue na água.

— Você não é o único a se interessar por ela, mas devo admitir que mantém um lugar especial no meu coração.

— Você não tem coração, só uma bolsa. — Ele riu a valer.

— Sim, e não foi barata.

— Poupe-me dos detalhes. Você deve tê-la encontrado em algum lugar por uma miséria e a trouxe para cá com a esperança de tirar lucro certo. Quanto? Vinte libras? Trinta?

— Seiscentas e cinquenta. Ela volta para mim quando você se cansar dela.

— Seiscentas...

— ...e cinquenta. Você sabe muito bem que posso ganhar três vezes essa quantia se deixá-la à exposição na sala.

— E por que não cem, ou duzentas?

— Não seja tolo. Ela é apenas uma caipira. — Emmeline estalou a língua.

— Quinhentas, e nenhum centavo a mais. — Ranulf estreitou os olhos. — Lembre-se de que não irá faturar nada se este lugar estiver trancado com um aviso de “quarentena” pregado na porta da frente.

Emmeline também o encarou no fundo dos olhos.

— Ela precisa de roupas novas, pois só possui alguns trapos que não pode mais vestir. Sei que você tem uma conta no ateliê de madame Rochelle. Deixe-me pensar... Acho que quinhentas libras a mais serão suficientes.

Ranulf hesitou, pois sabia que metade daquele dinheiro iria parar no bolso de Emmeline, mas também sabia que poderia contar com um trabalho perfeito. Olhou na direção do quarto e sentiu o membro enrijecer com a lembrança das carícias de Bessy.

— Está bem. Apronte-a e mande-a para minha suíte particular hoje à noite com os preparativos de costume.

— Hoje à noite? A garota atiçou seu apetite, não? — Emmeline reparou no relevo nas calças de Ranulf. — E que apetite, devo dizer...

Ranulf pegou novamente o saquinho de couro do bolso e depositou algumas moedas na mão de Emmeline, que as jogou dentro do decote.

— Pedirei a Chambers voltar mais tarde para trazer o restante. E, Emmeline, querida... — Ele passou a ponta do dedo ao longo do rosto miúdo. — Controle-se na loja de madame Rochelle. Sou um homem razoável, mas não sou tolo.

Ao passar pelo hall de entrada, Ranulf cumprimentou as três moças, que conhecia de vista, com um gesto de cabeça. De um jeito ou de outro, não lamentava o dinheiro que tinha gastado por ali. Durante muitos anos, tinha sido o primeiro a saborear o corpo de meretrizes antes que elas entrassem no mercado. As mulheres mais experientes de Emmeline já tinham embelezado os quartos de muitos políticos, nobres e cidadãos respeitáveis, cujos nomes a cortesã mantinha registrados em um livro bem guardado. Ele tinha pagado caro para que uma das garotas os copiasse meticulosamente.

Com um sorriso de satisfação nos lábios, ele desceu a escadaria da frente da elegante casa e acenou para que o cocheiro trouxesse a carruagem.

— Vamos para Mews, Chambers. Rápido, não quero deixar Berenger-Whyte esperando muito tempo. Lady Prudence já deve estar brava.

Chambers assentiu, fechou a porta da carruagem e subiu para seu posto. Repetiu as ordens para o cocheiro e segurou-se quando os cavalos começaram a trotar. Tendo servido sir Ranulf Cross por quase catorze anos, Chambers conhecia bem os hábitos e gostos do patrão. Mesmo assim, na tarde em que Ranulf ia se encontrar com a noiva, seria prudente não chegar atrasado, cheirando a perfume barato.

Quarenta e cinco minutos depois, Ranulf se continha para não perder a paciência por Prudence Berenger-Whyte o estar repreendendo como se ele fosse um auxiliar de cavalição.

— Seria muito custoso chegar no horário pelo menos uma vez na vida, Ranulf Cross? A pobre criança está uma pilha de nervos por se mudar para uma cidade estranha e encontrar-se com um homem que só viu uma vez.

Ranulf virou-se para olhar pela janela. Que amolação! Por que será que os Berenger-Whyte tinham assumido a responsabilidade sobre a menina? Não que estivesse muito ansioso por encontrá-la. A moça não tinha nenhuma qualidade ou traço memorável, além dos olhos grandes que pareciam sempre rajados de vermelho e lábios que tremiam sem parar.

A voz estridente de Prudence continuava a lhe ferir os ouvidos, e foi preciso um esforço enorme para virar o rosto para sua interlocutora.

— Pois não?

— Você não ouviu nada do que eu disse? — Prudence demonstrou sua indignação balançando a cabeça e as penas do chapéu. — Devo dizer que se o pai dela ainda estivesse entre nós, a levaria de volta para Devonshire sem lhe dar satisfação.

— Se ele ainda estivesse vivo, não haveria necessidade alguma de chá com bolinhos. Teríamos marcado uma reunião e confirmado os termos do noivado. Depois nos encontraríamos na cerimônia, onde os noivos fariam seus votos e viveriam felizes para sempre. E o que há de errado em tomar chá em Braydon Hall? A garota se tornará a dona da casa em breve. Foi uma tremenda perda de tempo atravessar a cidade para buscá-la. Não teria sido muito mais fácil se eu tivesse mandado um coche apanhá-la?

— Não estaria certo, Ranulf — Prudence o lembrou com voz fria; suas narinas dilataram de indignação, e o pescoço contraído fez o laço de fita da gola se mexer. — A srta. Grant é uma moça de berço e muitas qualidades, independentemente de ter respirado o ar do campo nestes dezoito anos. Seu querido pai, que descanse em paz, pode ter se desvirtuado do caminho da nobreza, mas seu sangue é tão azul quanto o da realeza.

— Eu conheço a linhagem dela. Aliás, é uma das poucas justificativas pelas

quais aceitei essa união.

Prudence virou a cabeça, como se assim fosse ouvir melhor.

— De fato, tenho curiosidade de saber por que escolheu essa moça quando havia uma dezena de herdeiras à sua disposição aqui em Londres.

— Fiz um acordo com o pai dela. — Ranulf ajustou a gravata. — Prefiro não dizer mais nada a respeito.

— Bem, suponho que você possa polir o lado caipira dela, pois a srta. Grant ainda é muito nova e pode aprender e se adaptar a novos costumes.

Ranulf tirou um fiapo invisível da manga do casaco. Os punhos da camisa não precisavam estar tão esticados quanto o resto da roupa, pois deslizavam por baixo do paletó, cobrindo parte da mão que segurava a bengala.

— Devo dizer que estou ansioso para encontrar a srta. Grant de novo depois de tantos anos — Wilfred se intrometeu na conversa. — É uma pena que Timothy Grant a tenha escondido da sociedade por tanto tempo. Você disse que a viu só uma vez, foi no funeral?

— Já tinham se passado alguns dias da morte dele.

— O sr. Grant morreu de tuberculose, não foi? Você comentou no clube que ele estava com uma aparência péssima quando o tinha encontrado meses antes.

— Ele sabia que estava morrendo — disse Ranulf um tanto ausente, com o olhar fixo na rua através da janela da carruagem.

O coche tinha passado pelo centro comercial de Portsmouth e se dirigia à região residencial, mais calma. Ranulf não estava interessado em pensar em Timothy Grant naquele momento. Era muito mais divertido admirar as árvores da alameda ou as mansões por trás dos portões de ferro. Faria qualquer coisa para não discorrer sobre os eventos que o tinham levado a tomar aquela decisão.

Foi Wilfred quem quebrou o silêncio mais uma vez:

— A última vez que vi a srta. Grant, ela era miúda, usava rabo de cavalo e tinha alguns dentes faltando na boca. Não se parecia nem um pouco com a mãe, que, como todos sabem, era de uma beleza ímpar, comentada nos três continentes.

— Isso é conversa fiada! — exclamou Prudence. — De fato comentavam sobre ela, pois flertava com todo e qualquer cidadão, enfeitando-os com maestria.

— Timothy também se encantava com ela — interferiu Wilfred. — Apaixonou-se desde o instante em que colocou os olhos em Melissa Worth, e vice-versa. Os dois fugiram de casa dois meses depois. Foi um escândalo e tanto.

— Maior ainda quando ela deu à luz uma filha seis meses depois do casamento — acrescentou Prudence com malícia.

— Foi por causa de comentários assim que eles preferiram morar no interior

— disse Wilfred à esposa, em tom de censura. — Fique sabendo que acredito que a mudança o beneficiou de diversas maneiras. Eu me lembro que ele amealhou uma fortuna depois de cinco anos, começando uma empresa de exportação. Claro que desmontou quando a jovem Melissa morreu e perdeu o interesse na vida e nos negócios... Desistiu de tudo.

— Timothy Grant foi nada mais, nada menos que um grande especulador — comentou Ranulf. — Os investimentos que vinham bem de um ano afundaram-se no seguinte. Ele era um jogador. Apostou o dinheiro da família e perdeu. Isso acontece nas melhores famílias, das quais ele estava bem distante. Grant foi ingênuo em apostar sua fortuna no ouro negro.

— Escravos? — Prudence perguntou atônita, colocando a mão na boca.

— Isso são rumores — Wilfred se apressou a dizer. — Duvido de que ele se arriscasse a tanto, uma vez que a opinião pública era tão a favor da abolição.

— E ainda é. Ainda existem alguns feitores... e ingleses ricos e ansiosos para violar as leis, comercializando com as colônias.

— Ah, mas nenhum navio ou capitão é bem-vindo em qualquer porto honesto deste lado do Atlântico, se estiver transportando ouro negro. Se descobrirem que algum tipo de negócio está tendo lucro com a escravidão, os responsáveis, suas famílias e sua reputação estarão destruídas. — Wilfred percebeu um desconforto repentino no semblante de Ranulf e não se reprimiu a continuar: — Ah, é verdade. Desculpe por ter trazido esse assunto à baila. Não sei onde eu estava com a cabeça. Soube que o capitão Savage voltou ao porto com um carregamento de algodão.

— Algodão?! — Ranulf resmungou. — Jason Savage é um mercador de escravos. A única razão para ele conseguir aportar aqui é porque nunca há um sinal de sua carga malcheirosa a bordo. Ele saiu daqui carregado de lã e cobre, que vende a preços exorbitantes na Costa do Marfim, e voltou, atravessando o Atlântico carregado de escravos. Zomba das leis inglesas enquanto queima erva dia e noite para tirar o cheiro de carne humana de seu navio. Mas a embarcação nunca ficará totalmente limpa, não é verdade? O *Reunion* é um navio de escravos que ainda terei o prazer de ver queimando, junto com seu capitão.

— Vai demorar um pouco ainda para que isso aconteça. — Wilfred franziu a testa. — Ele veleja com as cores americanas, e até onde sei, o mercado de escravos ainda floresce nas colônias sulistas. Seu irmão deve ter alguém que lhe faça companhia. Quantas travessias ele fez com Savage?

A expressão de Ranulf se transformou com traços ameaçadores.

— Eu não fico seguindo as idas e vindas de meu irmão. Tenho meus negócios e não tenho tempo de ficar atrás de Eugene ou Justin.

— Eugene é mais caseiro — comentou Prudence, sem se incomodar com a raiva contida de Ranulf. — Ele sempre foi e sempre será assim, bem diferente

do outro patife. Parece até que Justin vem de outra família.

— O nascimento de Justin foi um acidente, e nada mais do que isso — Ranulf comentou. — Não ligo a mínima se ele jurar lealdade a John Quincy Adams ou vier a ser um militar mongol, contanto que não apareça na minha frente ou dos meus negócios. — Respirou fundo para conter a fúria. — Mesmo cego pela sedução do ouro ianque, ou o que quer que atraia meu irmão caçula para a sombra de Savage como um filhotinho desmamado, saiba que ele nunca embarcou com mais do que duas moedas. Ele recebeu uma herança substancial da mãe, mas pergunte o que ele fez com o dinheiro. Quanto tempo durou? Para onde foi? Eu conto. Cada centavo da fortuna foi gasto com mulheres, bebida e jogo. São esses seus únicos interesses, as únicas coisas de que ele é devoto, nunca com os laços de família ou nossa reputação. Ele não se preocupa com nenhuma regra.

— Chega! — Prudence estava vermelha de indignação.

Os dois homens olharam em sua direção depois do breve desabafo, notando que tinham se esquecido de sua presença na carruagem. A menção do nome de Justin Cross deixava Ranulf irritado, enquanto lord Berenger-Whyte não ouvia mais nada além da própria voz.

— Que assunto desagradável para se confirmar na presença de uma dama! — declarou ela. — Espero que quando chegarmos a Pickhallas vocês se contenham e falem sobre coisas mais agradáveis do que escravos, soldados mongóis e mulheres perdidas.

— Um comentário proposital, minha querida. Parece que chegamos — disse Wilfred quando a carruagem parou. — Você está certa, como sempre. Não é preciso tocar em certos assuntos. Vamos descer... me dê sua mão.

Prudence murmurou algo incompreensível e desceu sem a ajuda de ninguém. Movimentou-se de maneira brusca, atravessando o portão de ferro e subindo as escadas que levavam a uma porta branca da modesta casa geminada. A criada que abriu a porta pediu que esperassem na sala de estar enquanto anunciava sua chegada.

— Bem pequeno o lugar, não? — Prudence comentou, sem se preocupar em falar baixo. — Do que é mesmo que ele vive?

— Tabaco — murmurou Wilfred. — Acho que produz charutos.

— Hum. — Prudence tirou um lençinho da bolsa e colocou sobre o nariz, demonstrando o mau gosto pelo cheiro de fumo e não de uma lavanda doce.

Alguns minutos depois, a porta se abriu e um casal entrou na sala. Ambos estavam mais ou menos na faixa dos sessenta anos. Osmond Pickthall era alto, calvo, e tinha o dobro do tamanho da esposa, Constance. Ela era miúda, com cabelos grisalhos lisos que se recusavam a ficar presos nas fivelas; estava constantemente retorcendo as mãos, nervosa, até que uma terceira pessoa entrou

na sala, postando-se a seu lado. Seus olhos grandes eram ornados por cílios longos, caracterizando-se no seu traço mais bonito. Os lábios carnudos estavam contraídos em uma linha fina, traíndo sua ansiedade.

Ranulf não ficou muito animado ao constatar que ela pouco havia mudado desde a última vez que tinham se visto. Ela não havia engordado nenhum grama. O nariz era afilado demais, o queixo bem delineado ainda tremia, e os olhos eram grandes demais para um rosto tão delicado. O melhor de seus atributos era uma pele de cor perfeita, típica daqueles que viviam no campo.

Pela aparência frágil, ele imaginou se Rose não sairia correndo da cama na noite de núpcias, ou então se deitaria dura feito uma tábua, pálida, sem cor nos lábios, rezando para que o ato de amor acabasse depressa para que engravidasse e assim tivesse nove meses de abstinência. Lembrou-se das peripécias sexuais com Bessy e sentiu-se encorajado a dar um passo à frente para se apresentar à noiva, oferecendo um pequeno ramalhete de violetas.

— Minha querida srta. Grant. Fiquei contente em saber que você chegou a Portsmouth a salvo. Peço desculpas por não estar na cidade esta manhã.

Rose sorriu, abaixando-se rapidamente para agradecer pelas flores.

— Foi muita gentileza de sua parte. Eu não tinha intenção de atrapalhar seus planos. Cheguei mais cedo, pois planejava visitar alguns amigos. Sir Ranulf Cross, permita-me apresentar o sr. e a sra. Osmond Pickthall.

Enquanto as apresentações eram feitas entre os Pickthall e os Berenger-Whyte, Rose observou o charmoso aristocrata com quem estaria casada em duas semanas. Ele parecia mais alto e de ombros mais largos do que se recordava. Os olhos castanhos eram ousados e diretos, e o maxilar bem destacado lhe conferia um ar autoritário. Era o mais velho de três irmãos, médico, trinta e cinco anos de idade, ambicioso na política, considerado um forte candidato nas próximas eleições parlamentares. Além disso, também era considerado, se as fontes de fofocas de Constance fossem fidedignas, o solteiro mais cobiçado de Portsmouth.

Rose não era a única a se perguntar por que ele tinha concordado com um casamento arranjado com uma moça que não o ajudaria politicamente, nem mesmo enriqueceria suas finanças. Seu dote não passava de umas poucas terras em Devonshire. Os negócios com os navios do pai não tinham dado certo, e não havia nada nos bancos que ela soubesse. Ela já tinha considerado a possibilidade de voltar para Devonshire.

Sentindo-se observada, levantou a cabeça e viu que Wilfred a estudava, como vinha fazendo desde que tinham sido apresentados e nos primeiros momentos da educada conversa.

— Em nome de Deus — disse ele. — Se sua mãe estivesse sentada a seu lado, srta. Grant, eu poderia jurar que era um reflexo no espelho.

Rose corou, sem-graça, e cruzou as mãos sobre o colo.

— Tenho poucas lembranças de minha mãe, sir Wilfred. Ela morreu quando eu tinha cinco anos. Meu pai sempre falava dela, por isso sei que nós duas temos alguma semelhança.

— Não é pouco, mocinha. Você é a imagem dela, desde a altura e forma até os cabelos escuros e os extraordinários olhos azuis. Até o formato do rosto é igual. Veja se não tenho razão, Prudence. Diga-me se não estamos diante de Melissa Worth há vinte anos.

— Não estou certa de sua razão — respondeu Prudence, ríspida. — E você está se empolgando demais, velho tolo. Rose lembra um pouco a mãe, mas nada de extraordinário. Talvez a semelhança seja nos olhos, mas o nariz e a boca são diferentes. Ela deve ficar feliz em ter uma mera semelhança, mas esse tipo de assunto gera rumores e fofocas, que em nada beneficiarão a esposa de um futuro membro do Parlamento.

Prudence mal se deu conta de que havia deixado Rose sem jeito; estava mais interessada nos bolos e no chá que eram servidos em um carrinho.

Rose sentou-se do lado oposto ao formidável séquito de Braydon Hall e mal sentiu o sabor do chá. O pedaço de bolo voltou intacto para o carrinho. Os nós dos dedos ficavam cada vez mais brancos, tamanha a tensão empregada nas mãos entrelaçadas. Ela continuou a lançar breves olhares, de vez em quando, para Ranulf, que se empenhava em manter a conversa animada; não sem deixar uma nota de impaciência, como se estivesse ansioso para estar em qualquer outro lugar, menos em uma cadeira cheia de brocados em uma confortável varanda de Courtney Park.

Rose sabia que seria examinada e tida como uma caipira ignorante, e que qualquer coisa que vestisse ou falasse para chamar a atenção como futura sra. Ranulf Cross seria inútil e inadequado. Ciente disso, sua coragem caía por terra conforme o momento de sair do confortável lar dos Pickthall e ir morar em Braydon Hall se aproximava. Os Berenger-Whyte a ciceroneariam durante os próximos quinze dias, e essa perspectiva a apavorava.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Ranulf colocou a xícara no pires.

— Senhoras e senhores... sra. Pickthall, obrigada pela hospitalidade, mas temos uma hora de viagem pela frente, e estou certo de que a srta. Grant quer se acomodar em Braydon Hall antes do anoitecer.

— Ah, mas... — Constance Pickthall balançou as mãos.

Prudence se levantou, cortando possíveis protestos.

— De fato, o tempo estava fechando quando chegamos. A chuva deixa as estradas para Portsmouth enlameadas e intransitáveis. Vamos, Wilfred, levante-se. Não há necessidade de devorar até a última migalha do bolo. — Depois virou-se para Rose: — Aprese-se, mocinha. Você tem de aprender a não deixar

um homem com o prestígio de seu futuro marido esperando, enquanto você se arruma.

Rose e Constance se desculparam, a primeira à beira das lágrimas, e a outra com a mão sobre o peito, sentindo palpitações.

— Que mulher horrível — comentou Constance quando já se encontravam na segurança do quarto de Rose. — Sua primeira tarefa como sra. Cross será expulsar essa senhora de sua casa. De fato, você será superior a ela, uma vez que o marido é apenas um lorde intrometido. Ora, minha querida, você não deve aparecer com os olhos marejados, isso só daria satisfação àquela víbora.

Rose suspirou enquanto juntava o restante de seus pertences dentro de uma valise de brocado. A maior parte da bagagem já tinha sido enviada na frente.

— Eu me sinto tão... inadequada e insignificante...

— Nada disso, mocinha. Tente se lembrar com frequência de que você é filha do seu pai, ou seja, brava, corajosa e de coração forte. — Constance pegou as fitas de veludo das mãos trêmulas de Rose e amarrou seu chapéu. — Entendo perfeitamente como você está se sentindo. Imagino como um homem como sir Ranulf Cross parece imponente para uma garota da sua idade. Como acontece na maioria dos casamentos arranjados, seu pai pensou apenas em garantir segurança para o seu futuro. Pode parecer injusto e apavorante mudar de casa em casa, mas no final vai dar tudo certo, você vai ver. Sir Ranulf é um homem bom, reparei como ele a observou nesta última hora. Com o tempo, você vai ver que seus medos serão apenas uma lembrança turva.

— Acho que ele olhou para mim do jeito que um gato olha para um rato — disse Rose, para logo em seguida secar com as costas da mão uma lágrima furtiva. — Sei que devo ter muita sorte por sir Ranulf estar de acordo com esse casamento. É que eu me sinto tão... deslocada. Não faço a menor ideia do que é esperado de mim, muito menos de como me comportar nesse mundo. Deus meu, ele é um doutor em medicina, um político e membro da nobreza...

— Você acha que é a única moça a sentir medos e dúvidas antes do casamento? — Constance a reprovou com candura. — Você acha que sua mãe estava menos apavorada que você quando aquele homem arrojado a desafiou contra tudo que ela conhecia, convidando-a a conquistar o mundo a seu lado? Ela deixou um lar, família e sociedade para viver um futuro incerto, cheio de fofocas, críticas e línguas maldosas. Mas ela tinha caráter e determinação, e amor para seguir em frente.

— Mas ele não me ama — Rose disse em voz baixa. — Mal me conhece...

— Você o ensinará a amar — retrucou Constance, aninhando o rosto de Rose nas mãos. — Duvido de que ele não aprenda. Livre-se dessa roupa de luto, mostre a ele a beleza desse seu coração, e a união de vocês fará inveja a todos. Desça as escadas e encante aquele homem com um sorriso. Ele não é tolo nem

cego. Vai dar tudo certo, escreva o que eu disse.

Constance fez um carinho final no queixo de Rose e sorriu.

— E se lady Prudence ficar insuportável nas próximas duas semanas, lembre-se de que ela ficou perturbada depois que seus pais fugiram; chorou durante três semanas e teve de ser enviada para Bath para se curar. Ela estava tão apaixonada por Timothy Grant que acabou se casando com o primeiro imbecil de língua presa que encontrou. Isso não é muito pior do que o futuro que a espera? Já imaginou que poderia ter sido filha *dela*?

Rose abriu um sorriso autêntico pela primeira vez no dia. Abraçou Constance, beijou-a no rosto e, depois de respirar fundo, desceu as escadas. A pequena comitiva já a esperava no hall de entrada, os homens segurando seus chapéus. Ela acariciou o rosto de Osmond Pickthall e abraçou Constante uma última vez, prometendo que voltaria para visitá-la em breve.

De súbito sentiu alguém segurar com firmeza o seu cotovelo. Ergueu os olhos e estranhou que Ranulf estivesse a seu lado; foi como se ele já tivesse tomado posse da noiva.

A carruagem já estava com a porta aberta, e com uma última olhadela por cima do ombro, Rose Grant subiu a bordo e partiu com a chuva fria em direção ao futuro incerto.